

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *A Princesa Azul e a Felicidade Escondida*

Autor: Filipa Sáragga

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Gráfica 99, Lda.

Capa: Nazaré Guimarães Arié / Sandra Figueiredo / Marcador Editora

Fotografia de capa: Sofia Moniz

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-138-4

Depósito legal: 389996/15

1.ª edição: abril de 2015

O conto *A Princesa Azul e a Felicidade Escondida* de Filipa Sáragga é uma admirável lição para todos os adultos disfarçada em história para crianças. É um hino ao amor, a principal fonte de solidariedade e de tolerância num mundo onde infelizmente se multiplicam os ódios, os conflitos étnicos, religiosos e políticos, a rejeição do outro e do diferente. Quando olho para os cinquenta milhões de pessoas que no mundo de hoje tiveram de fugir das suas casas e das suas comunidades por causa da guerra e da violência, gostaria muito que os responsáveis pudessem ter lido *A Princesa Azul e a Felicidade Escondida* e aprendido a lição. O mundo seria bem melhor.

ANTÓNIO GUTERRES

A infância é, para muitos, porto de abrigo, cais onde se aprendem as memórias gratas, refúgio livre dos desencantos da vida adulta.

Desse tempo guardo a memória das histórias que fertilizavam a imaginação e davam corpo aos sentimentos. Sonhei ser heroico como o soldadinho de chumbo, apaixonei-me pela bailarina que rodopiava sobre o eixo de um só pé e, com ansiedade, gritei à Cinderela que se aproximava a meia-noite e que estava prestes a ser desfeito o sonho que, por momentos, esconde a dureza do quotidiano.

Todos os sentimentos fortes se encontram nas histórias infantis. Os pecados e virtudes extremam-se no heroísmo de príncipes, ou na virtude das donzelas, na maldade das madrastas ou na inveja que a velhice tem da juventude, e que dela se vinga injetando peçonha em maçãs viçosas.

Sentimentos fortes exigem cenários condizentes. As florestas devem ser densas e misteriosas, para que nelas possam viver isolados do mundo, sete anões órfãos de pai e mãe. Porém, como foco de luz que derrota as trevas, devem acolher também clareiras que são salas onde se podem encontrar, dormindo um sono suave, Brancas-de-Neve que

aguardam, pacientes, o beijo que as desperte para uma felicidade maior.

Inexpugnáveis os castelos de muitos quartos, falantes os animais da Terra, réplicas de humanos nos seus defeitos e virtudes.

Com Nils Holgersson, viajamos no dorso de um ganso, satisfazendo o sonho de voar e, com os três porquinhos, aprendemos a importância de serem sólidos os alicerces da nossa vida, para que de um sopro não se vejam derrubados por quem, decerto, não nos quer bem.

O livro *A Princesa Azul e a Felicidade Escondida* contém, em abundante exuberância, todos esses ingredientes. São puros os sentimentos, coloridos os cenários. Virtudes e defeitos são expressos como se estivesse ao alcance de todos uma vida melhor, assim seguíssemos as leis justas que o coração dita. No fundo, qualquer livro contém uma lição moral, ou muitas, como acontece neste caso, em que se tece a narrativa com a delicadeza de uma mão feminina e a intenção pura de fazer irmão quem, por ser diferente, sofre por não ter abraço que o acolha.

Neste livro revemos o encantamento do «Era uma vez», fórmula mágica que transporta as crianças para um passado que irá iluminar o presente de onde, se Deus quiser e for ajudado pelos homens de Boa Vontade, nascerá o futuro onde seremos «felizes para sempre».

NUNO LOBO ANTUNES

I

Despertar Azul

Hoje, no Reino Distante, era dia de festa. Hasteavam-se bandeiras. Avestruzes e falcões alinhavam-se em fila e as tropas cantavam. Espalhará-se a notícia, a princesa Clara nascera e todos os súbitos se dirigiam curiosos ao Palácio Real. Das Montanhas do Norte desciam grupos de veados e ursos brancos. Das Planícies do Vento os cavalos selvagens galopavam altivos e os burros carregavam as suas colheitas. Do Lago Rosado vinha o canto marinho das carpas, saltavam sapos e rãs e marchavam os patos e os gansos. Da Savana Dourada surgiam leões e unicórnios, os mais nobres animais. Dos Bosques Reais, grupos de lebres corriam apressadas, gafanhotos e formigas abandonavam os seus officios, águias e corujas voavam em bando e as flores mais bonitas desabrochavam com a novidade. Todo o reino se movia em festa e só na Floresta Negra, lar de serpentes e lobos, se mantinha um silêncio fúnebre.

No palácio, o Rei Grande, o mais bondoso, robusto e respeitado de todos os senhores da corte, cumprimentava os súbditos com um sorriso. Sabe-se que Sua Alteza Real aprecia um bom banquete, razão pela qual oferecia à sua filha o mais rico e farto de todos eles.

Dizem os rumores do reino que o rei gosta de acordar ao nascer do Sol e que, acima de tudo, ama a sua mulher, a Rainha Luz, como é conhecida devido à sua beleza e bondade radiante.



Uma vez terminado o banquete, foi permitido a todos que se deslocassem, um a um, à ala norte do palácio, onde poderiam por fim cumprimentar a Rainha Luz e contemplar a tão desejada princesa.

Todos os convidados esperavam aquele momento. Todos cumprimentavam a rainha com uma vénia respeitosa. Mas quando se aproximavam do berço da princesa, a sua expressão alterava-se, preocupada. Eram muitos os que abanavam a cabeça e ainda mais os que saíam cabisbaixos. Lá fora, a causa da apreensão espalhava-se com um murmúrio.

- A princesa Clara é azul.
- É doente, não vai sobreviver.
- Que desgraça!
- Pobres reis, tão bons e tão belos.
- E agora com uma filha azul...

No seu trono, a Rainha Luz não conseguia esconder a sua aflição. A princesa nascera azulada. Mas a cada súbdito que passava, mais azul ela ficava.

Já contavam as velhas lendas do reino que o presentir de uma mãe é mais sábio do que as árvores milenares de todo o bosque. Nessa noite, disse para o marido:

– Meu rei, que será da nossa filha? Poderão estas terras ser governadas por uma princesa azul? Serão os outros capazes de respeitar esta menina que tem mais cor de céu que de pessoa?

– Minha amada, não temas o amanhã. Iremos amá-la com todo o amor que tivermos. Um dia, estarei certo, o nosso amor irá propagar-se pelo reino.



Apesar de azul, a infância de Clara foi plena de afeto e carinho.

Os temores relativos à sua saúde caíram por terra, era uma menina repleta de energia e que passava os dias a correr de um lado para o outro. Gostava particularmente de passear pelos Bosques Reais, onde a sua alegria tornava o cantarolar dos pardais mais vibrante e o dos rouxinóis, um assobio orquestral. Os animais do bosque cedo passaram a dizer que a princesa, mesmo sendo azul, era doce como um chocolate e a sua presença era querida desde o Lago Rosado até às Planícies do Vento.

Nos Bosques Reais, gostava particularmente dos animais acabados de nascer, sendo visita habitual de muitos ninhos e das mais variadas tocas. Quando regressava aos jardins do palácio, punha-se a brincar às mães até à hora do jantar.

De noite, antes de se deitar, rezava com a mãe, ajoelhando-se sobre os lençóis de linho da sua cama. Estes cheiravam a alfazema e eram bordados à mão pela dedicada cegonha Ózinha da Paz, cuja família era responsável por toda a roupa da corte, há mais de seis gerações.

– Como te correu o dia, minha querida? – perguntava a rainha.

– Muito bem. Estive nos bosques, mãe, a visitar a lebre Anita. Acabou de ter crias e a toca está cheia, assim quase, de um milhão de coelinhos. – Parou um bocadinho e depois concluiu, entusiasmada: – Quando for grande, também quero ter um milhão de filhos.



– Que bom, minha querida – riu-se a rainha. – Então, vamos rezar por este dia.

Mas a princesa não rezou logo. Em vez disso, perguntou curiosa à mãe:

– Porque temos de rezar por este dia?

– Porque rezar é agradecer. Se o dia foi bom, devemos agradecer a Deus por isso.

– E se o dia foi mau, mãe?

– Devemos agradecer o dia seguinte, minha querida, porque esse será melhor.

Então, a princesa rezou com a mãe, muito mais descansada por saber que podia sempre rezar. Depois, a rainha despediu-se dela com um beijinho na testa e apareceu a coruja Elena, que há trinta anos contava histórias às crianças do palácio, antes de estas adormecerem. A princesa gostava muito de Elena, mas não era a única; dizia-se que a coruja era amiga de todos os animais dos Bosques Reais e até, surpreendentemente, de algumas serpentes da Floresta Negra. Elena vivia nos Bosques Reais, no interior do tronco de um carvalho. Era uma casa pequena, com cortinas feitas de seda pelas borboletas do bosque, onde os pirilampos davam luz à noite, folhas de alface serviam de cabeceira e onde as roseiras da varanda eram regadas pelo orvalho.

Todas as noites, a rainha lhe dizia:

– Elena, vá para casa, já viu que horas são? O João Ratão está à sua espera, olhe que qualquer dia ele troca-a por outra coruja. Tem de deixar de contar tantas histórias à princesa.

Ao que Elena, com a sua habitual delicadeza, acrescentava:

– Vossa Majestade, perdoai-me a ousadia, mas como posso eu ir descansada, sem ter a minha menina a dormir?

A princesa Clara, através da sua traiçoeira sensibilidade, ouvia todas as noites as histórias contadas pela coruja, com a maior das atenções. De tal forma que parecia tomar o corpo das personagens. De repente, era o gigante papão, ou a fada amiga, ou...

– A princesa do mar – disse a coruja. – Hoje, Clarinha, vou contar a história da princesa do mar. Era uma vez uma princesa que vivia no mar, filha do tritão mais poderoso dos oceanos. O tritão dizia muitas vezes à filha: «Um dia, todos os oceanos serão teus e terás de cuidar deles e respeitar todos os seres que neles habitam.» Mas a princesa não queria governar. Queria era viajar e conhecer todos os lugares do reino. Então, o tritão deixou-a viajar pelos mares durante dois anos. Findo esse tempo, a princesa deveria regressar e casar com um príncipe. Durante dois anos, a princesa viajou. Foi aos mares frios do Norte, foi às águas quentes e transparentes do Sul, nadou pelas ondas da costa selvagem e pelos baixios do mar oriental, e os dois anos passaram. Vira todos os oceanos, mas a princesa não estava satisfeita. Chegou a uma praia e pensou: «Há tanta terra para ver, porque tenho eu de me casar já?» E, durante três anos, correu pelas montanhas, as selvas tropicais, os desertos prateados e as cidades dos homens. Os três anos passaram e, então, a princesa olhou para o céu e pensou: «Há tanto céu para ver, porque tenho eu de me casar já?» E, durante mais dois anos, voou com as

aves pelos céus limpos do continente, as tempestades do inverno e as nuvens do fim de tarde. No fim, e depois de ver tanto sítio, ficou sem saber onde viver. Queria poder ser muitos e estar em todos os lugares. Regressou ao mar e do amor veio-lhe a resposta. Apaixonou-se e, quando se casou com o seu príncipe, tornou-se dois. Teve uma filha e tornou-se três. Teve um filho e tornou-se quatro. E tornou-se tantas outras pessoas que, no fim, passou a viver em vários lugares.

– Um dia, eu também vou encontrar um príncipe encantado, Elena? – perguntou Clara, antes de adormecer.

– Sim, minha princesa, um dia ireis encontrar um príncipe encantado e ireis viver feliz para sempre.

